Documento com 400 assinaturas diz não estar a ser respeitada identidade da zona

Petição contra demolições na Baixa entregue na Câmara de Coimbra

Petição contra demolições na Baixa foi ontem colocada debaixo da porta da Câmara de Coimbra. Com cerca de 400 assinaturas, pede para que pare a destruição daquela zona da cidade para a passagem do Metro por considerar que não é a solução para o património de Coimbra

Uma petição com cerca de 400 assinaturas contra as demolições previstas na Baixa de Coimbra para a passagem do metropolitano ligeiro de superfície foi ontem depositada na Câmara Municipal pelos promotores da iniciativa.

«Qual a legitimidade de promover a destruição do coração da cidade medieval sob o argumento dos edifícios que o constituem se encontrarem em mau estado de conservação, numa altura em que a engenharia permite soluções de reforço estrutural, de consolidação e de conservação cada vez mais evoluídas?», é questionado na petição.

Segundo o documento, dinamizado pela Associação Ofícios do Património e da Reabilitação Urbana (OPRURB), «é um facto que muitos dos prédios da Baixa ostentam, desde há vários anos, um acentuado estado de degradação» e que muitos se encontram «em condições deploráveis».

Contudo, entendem os peticionários, a demolição, sendo a «solução mais fácil e a que melhor atenderá aos interesses do Metro Ligeiro do Mondego, não é necessariamente a mais barata e a que melhor serve a cidade e o seu património», pelo que pedem que seja parada.

«O que parece não ter entrado em linha de conta é a identidade urbana de toda esta zona, a aposta a fazer na requalificação e recuperação do seu património, o incontornável valor urbano, histórico e sociológico da Baixa», frisam.

Para os subscritores da petição, entre os quais se contam professores universitários, arquitectos, engenheiros, estudantes, de Coimbra e de fora da cidade, «não há razões que justifiquem a destruição deliberada, organizada, meticulosamente preparada sob a capa de uma legalidade apressada e tecnicamente discutível que permitam descaracterizar irreversivelmente todo um núcleo urbano homogéneo e sedimentado».

"Por que não rever a trajectória" do Metro?

«Se a passagem do Metro é razão para estas acções por que não rever a trajectória definida?», defendem. Para os peticionários, «os erros do passado, de que Coimbra foi vítima ao longo de todo o Século XX, deveriam servir para uma reflexão sobre a irreversibilidade destas atitudes».

«Não há quem não lamente, hoje, a destruição da Alta. Poucos há que não condenem a especulação imobiliária, o crescimento desenfreado e caótico da cidade e as duvidosas opções urbanísticas dos anos 70, 80 e 90 do século passado. Não é possível reparar esses erros, mas é certamente possível definir uma acção mais inovadora, de criação e não de destruição, de recuperação e de dinamismo, seguramente mais ecológica, mais económica e mais exemplar», sustentam.

Segundo o presidente da OPRURB, Filipe Mário Lopes, que foi durante dez anos director municipal da Reabilitação Urbana na Câmara de Lisboa, é possível recuperar, mesmo o edificado mais degradado e «reabilitar é mais barato do que construir de novo». «Estas habitações nos centros históricos têm um valor patrimonial, é a memória, a identidade das cidades que está em causa», disse à agência Lusa.

A petição foi depositada, ao final da manhã de ontem, por baixo da porta do edifício da Câmara, tendo depois um grupo de cerca de duas dezenas de peticionários, oriundos de vários pontos do país, visitado os locais onde foram realizadas e estão previstas demolições, entre as Ruas Direita e da Sofia.●

ARQUIVO

Subscritores da petição criticam opção pela demolição na Baixa de Coimbra

A Escola da Noite discute nova produção vicentina com jovens docentes

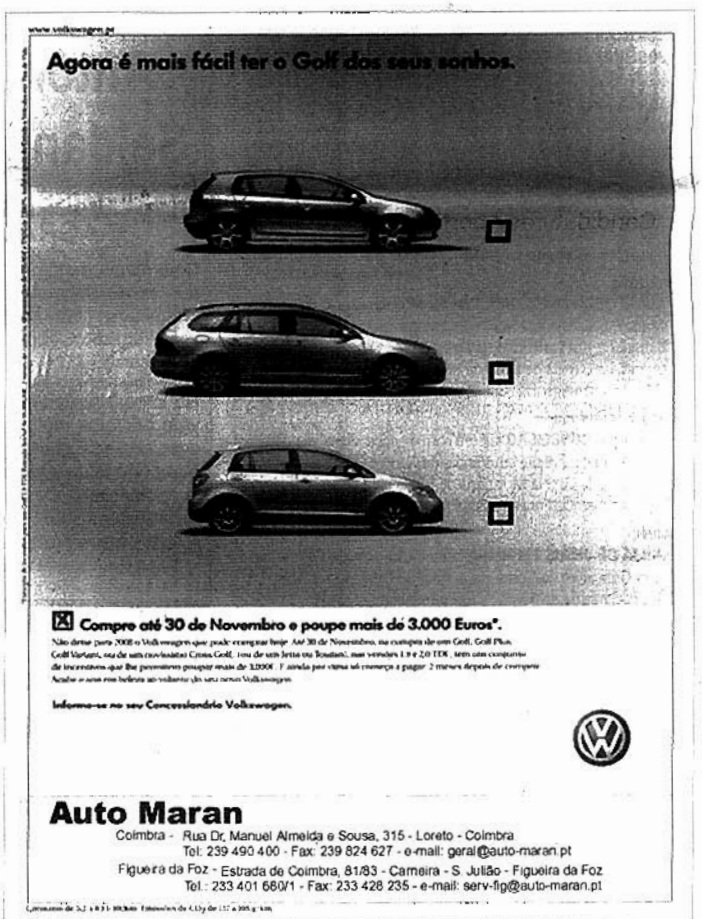
"Auto da Índia" em sessão especial

A Escola da Noite preparou para hoje, a partir das 14h30, uma sessão especial do espectáculo "Auto da Índia", de Gil Vicente, para apresentar aos professores estagiários de Português da região Centro, orientados pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC), com quem a companhia tem vindo a estabelecer várias parcerias desde 1992.

Permitir aos jovens professores um contacto antecipado com a nova produção vicentina d'A Escola da Noite (especialmente dedicada ao público infantil), preparando-os para quando forem ao teatro acompanhados dos respectivos alunos é um dos objectivos da companhia ao preparar esta sessão.

Por outro lado, o grupo pretende ainda aproveitar a oportunidade para debater com os professores estagiários, um público particularmente atento e informado, as soluções que encontrou para a construção desta nova versão de uma das peças mais conhecidas e representadas de Gil Vicente, o "Auto da Índia", nomeadamente no que diz respeito à valorização da obra do autor e à forma como ela pode ser transmitida aos jovens estudantes nos dias de hoje. Estreado recentemente na Oficina Municipal de Teatro, estão previstas duas semanas de apresentações, em horário diurno (11h00 e 15h00), de segunda a sexta-feira, a partir de 26 de Novembro e até 7 de Dezembro.

Apresentada na Oficina Municipal de Teatro, "Auto da Índia" tem direcção artística de Ana Rosa Assunção, António Augusto Barros, António Jorge, Silvia Brito e Sofia Lobo, contando com António Jorge, Maria João Lobo, Miguel Magalhães e Sílvia Brito na interpretação. O cenário é de João Mendes Ribeiro, enquanto que os figurinos são de Ana Rosa Assunção e os desenhos de luz de Danilo Pinto.●



in Diário de Coimbra, 19 Novembro 2007.